

DOMINUS

A LÂMINA CURVA

DEGUSTAÇÃO



JÉSSICA SANZ

CAPÍTULO 1

ÁREA DE CONVIVÊNCIA E ENCONTROS INESPERADOS

Aquele tinha tudo para ser um dia normal. Comparado ao que minha vida se tornaria alguns dias depois, acho até que foi. No entanto, não posso ignorar o fato de que foi naquele dia que tudo começou.

Assim como todos os dias, eu tinha feito minhas tarefas pela manhã, almoçado e descido para a área de convivência do América *Residence Service* com o meu *notebook* e os fones. Mais uma tarde jogando meu *Woods Gods*, antes de ir para a faculdade à noite. Conectei o carregador, sentei na cadeira, abri o *notebook* e coloquei os meus fones. Depois de conectar no *wifi*, esperei o jogo carregar e comecei minha primeira partida. Estava tudo indo bem e meu time estava quase ganhando até que alguém tirou o meu fone direito.

— Sério que tá jogando o MOBA mais flopado do mundo?

Era a voz de um garoto irritante. Suspirei fundo sem perder a concentração e respondi.

— Jogo jogos por serem bons, não por serem famosos.

— Bom, tenho que concordar... WG não tem a fama que merece.

Contrariando minha vontade, fiquei nervosa e confusa. Afinal, ele parecera demonstrar desdém pelo jogo, mas o achava bom. Tentando entender a atitude dele, perdi um pouco a concentração. Ele pareceu notar, porque apertou o botão que liberava uma habilidade suprema e gerou um dano interessante nos

inimigos. Depois de mais um pouco de esforço, a palavra “Vitória” apareceu majestosa na tela.

Eu tirei os fones e encarei o garoto, sem saber se ficava brava ou agradecida pela ajuda. Ele era magro, não muito alto. Seus cabelos escuros eram uma bagunça arrumada.

— Um *gamer* deveria saber que é feio interromper uma partida.

— Você já ia vencer, moça. E estava indo bem. Concluí que minha presença não iria atrapalhar.

— Mas atrapalhou.

— Tudo bem, então vai me dizer que não está feliz por ter encontrado outro jogador de WG no seu prédio?

— Sim, mas você não mora aqui, de que adianta?

— Como sabe? Eu poderia ser um novo morador.

— Não tem cara de que veio pra ficar. Aliás, tem cara dos riquinhos que aparecem de vez em quando na outra torre.

Ele riu.

— Nossa. Você está mesmo acostumada a saber quem é de qual torre.

— Claro, eu moro aqui.

Meu prédio era uma coisa interessante. Tinha uma torre residencial, onde eu morava, e a outra torre era um hotel, mas a área de convivência unia os dois, possibilitando aquele tipo de encontro.

— Certo, certo. Bom, agora que você não parece mais querer me morder, que tal uma partida, moça?

— Se você me chamar de Duda e não de moça, quem sabe... Está com seu PC, menino sem nome?

— É Guilherme, mas me chama de Gui, beleza? E... Claro, eu não vivo sem minha *estaçao gamer*.

Eu ri do modo como ele chamava os próprios equipamentos enquanto ele se virava para buscá-los.

~

Guilherme voltou depois de alguns minutos com uma mochila. Primeiro, tirou um monitor portátil e o armou na mesa ao meu lado. Depois, uma caixinha que parecia ser um bom computador portátil. Depois, um teclado e um *mouse gamer*, os dois com aquelas luzinhas coloridas e os botões extras, ligados por *bluetooth*. Por último, os *headphones* superpoderosos.

— Nossa, eu tô com vergonha do meu bom e velho *notebook* agora.

— Desencana, garota — ele parecia tímido por algum motivo.

Começamos a nos conectar.

— Você é o senhorvilela? — perguntei, completamente chocada.

— É, por quê?

— Porque você é até famosinho nesse jogo.

— Ah, eu tenho que ser bom na única coisa que faço na vida.

— Como assim, única coisa? Mentira que você não faz mais nada.

— Não trabalho nem estudo. Eu sei, é uma chatice.

— Tá brincando? Adoraria só jogar WG o dia todo.

— Pode até ser, mas eu sinceramente duvido que você queira ser eu. Vamos começar?

Ele sempre parecia pronto a mudar de assunto quando o assunto era ele.

— Então, você é a duds121. Nome familiar.

— Ah, eu duvido. Joguei com você algumas vezes, mas não deve se lembrar disso.

— Eu conheço muita gente, principalmente os meus inimigos.

— Eu sou sua inimiga, é?

— Não mais. Só que eu lembro de uma derrota revoltante para uma menina que estava jogando de Iara. Jogando muito bem, na verdade, mas eu perdi, então...

— Nossa, você lembra disso? — eu ri. Eu me lembrava de ter derrotado o famosinho senhorvilela jogando com a minha personagem favorita. — Não leve a mal, é só um jogo.

— Eu tô disposto a te perdoar se tivermos uma boa Vitória agora.

Eu estava acostumada a conhecer pessoas por causa do jogo, mas não imaginei que conheceria alguém sem ser na tela. Aquele foi o começo de um fim de semana muito interessante.

A vitória não demorou muito tempo a aparecer, então continuamos conversando depois disso.

— É sério que você não faz nada além disso? Tipo, você não sai, não socializa?

— Depende. Faço isso mais quando meus pais me obrigam a sair com eles.

— E o que te trouxe à área de convivência, se é uma cria de quarto? A *internet* não está boa nos seus aposentos?

Guilherme corou um pouco. Comecei a perceber que o problema não era falar sobre ele; falar sobre a família ou sobre questões financeiras era o que o deixava desconfortável.

— Sei lá. Eu até gosto de explorar os hotéis. E dessa vez eu estou livre.

Estiquei um pouco a cabeça, esperando alguma explicação melhor para aquilo, mas sem forçá-lo a dizer coisas que não queria. Ele riu levemente.

— Eles viajam a lazer, mas meu pai também faz viagem de negócios. É a primeira vez que ele me traz numa dessas. E está ocupado, então estou mais solto. Geralmente tenho que fazer companhia a eles quando viajamos.

— Entendi. Que tal então aproveitarmos a sua liberdade para fazer algo mais interessante que jogar *Woods Gods*?

Guilherme se moveu na cadeira, enquanto um sorriso travesso se traçava no canto esquerdo de sua boca. Parecia animado com aquilo.

— Tipo o quê?

~

Passamos o resto da tarde de quinta-feira jogando, brincando e rindo no salão de jogos. Eu decidi matar aula, mas não contei nada a ele. Mais tarde, saímos para passear pelo bairro, conhecido por concentrar bares, restaurantes e baladinhas que fazem as noites da cidade. Fui mostrando tudo a Guilherme, falando o que sabia sobre os estabelecimentos mais famosos.

— Escolhe algum pra irmos hoje.

— Aqui? Não, aqui é tudo muito caro... Tem um *shopping* aqui perto, acho que podemos...

— Hum... Não — ele me interrompeu, mas não grosseiramente; como um príncipe interromperia uma plebeia que quer fazer mais que seu trabalho. Ele se colocou bem no meu caminho, andando de costas. — Senhorita Eduarda, eu não custumo gostar de dizer isto, mas... Dinheiro não é o problema.

— Tá, mas...

— Eu sou um turista, não sou? Quero turistar! E você está sendo minha guia! Vamos, me deixa te pagar uma refeição no bairro nobre.

— Eu te conheci hoje, Senhor Vilela.

— E o que isso tem a ver? Tudo bem, vamos negociar. Se seu problema é eu ter te conhecido hoje, vamos ao *shopping* ter uma refeição padrão. Amanhã, já teremos nos conhecido há um dia, então poderei te trazer aqui. Fechado?

Eu ri. O carisma dele me deixava com raiva. Ele não era como os outros meninos ricos que às vezes eu conhecia na área de convivência. Havia os meninos que fingiam não ser ricos na

tentativa de parecerem normais; havia os meninos que se gabavam de serem ricos e viverem no luxo; e havia o Guilherme Vilela, que não escondia que era rico, nem que gostaria de ser normal, mas não via problema em aproveitar um pouco a sorte que tinha.

— Fechado, mas hoje *eu* pago.

~

O “jantar” no *shopping* foi divertido. Conversamos mais sobre o jogo e sobre nós mesmos. Guilherme ainda relutava um pouco em falar sobre a família, mas já começava a se abrir. Eu também contei sobre mim: disse que fazia faculdade perto do edifício América e que, ao contrário do que pudesse parecer pelo luxo dele, minha família não era rica. Meus pais trabalhavam em empregos “normais”. O apartamento é de uma irmã mais velha da mamãe; essa sim, rica, mora nos Estados Unidos e tudo. Graças a ela, meus pais saíram do aluguel e “cuidam” da casa desde então, mas continuam não sendo ricos. Ela até paga as aulas de *taekwondo* que insiste que eu faça, já que, como ela diz, “uma boa menina tem que saber se defender”.

— Eles são muito ocupados e não ligam muito para o que eu faço ao longo do dia. Por isso, matar aula está longe de ser um problema.

— E não se sente culpada?

— Eu quase nunca falto.

— Certo. Bom, meus pais também são um pouco ausentes, por isso insistem em me levar nas viagens.

— Trabalham muito?

Guilherme riu.

— Não tanto. Minha mãe não trabalha. Fica bastante tempo em casa, na verdade, mas não fala muito comigo. Ela interage mais com a Gabizinha. Meu pai trabalha em casa, no escritório, e viaja

às vezes. Até que fica um tempo bom em casa, mas ainda sem muito contato.

— Você sente falta?

— Ah, não. Gosto de ter liberdade. Se eles fossem mais próximos, seria... forçado. Seria para mostrar que somos uma linda família.

— Nossa. Parece mesmo meio chato viver assim.

— Acho que estou acostumado. Claro que é outra coisa se uma menina incrível como você aparece no caminho.

Eu ri, um pouco envergonhada, mas consegui não deixar transparecer.

— Vai ficar aqui até quando?

— Segunda de manhã. Vai ser minha guia até lá?

— Pode contar com isso.

Assim foi o primeiro dia daquele fim de semana. Vou poupar vocês dos detalhes; mesmo que eu contasse cada coisinha que fizemos, vocês não teriam ideia do quanto foi incrível. Afinal, não foram os passeios ou o fazer-nada-na-área-de-convivência que fizeram o fim de semana legal, mas sim as conversas e a companhia do meu novo amigo. Se estiver curioso, realmente tivemos um jantar chique na área nobre na noite de sexta. No sábado escolhemos *La Noche*, uma baladinha bem tranquila com karaokê, o que eu achei bem mais legal que um jantar caro.

CAPÍTULO 2

LA NOCHE MISTERIOSA

Eu estava pronta para dormir, mas não parava de pensar nele. Estava preocupada, já que o dia seguinte seria nosso último dia juntos. Queria aproveitar o máximo de tempo com ele antes que nos separássemos por sei lá quanto tempo. Fiquei deitada na cama, esperando alguma mensagem dele, mesmo que no fundo soubesse que ele não mandaria nada...

Mas mandou. Eu respondi rapidamente.

Gui: tá acordada?

Eu: Sim

Gui: pode me encontrar na piscina agora?

Eu: AGORA??

Gui: sim. tenho uma coisa séria pra falar. e quero aproveitar o tempo com você. a não ser que esteja muito cansada...

Eu: Que nada, eu não durmo kkkkk desço em 10 min.

Coloquei o biquíni, tentei ajeitar um pouco os cabelos volumosos e desci.

A piscina do América era uma coisa impressionante, apesar de eu não gostar muito de usar. A última vez que eu tinha entrado foi na manhã de sexta, quando Guilherme me questionou sobre isso

e me jogou na piscina de roupa e tudo. Nos divertimos juntos naquela manhã, mas eu estava de roupa. Agora, de biquíni, não estava mais tão confortável.

Quando cheguei, ele já estava dentro d'água. Não parecia o Guilherme divertido de todos os dias; estava pensativo, sentado na parte rasa, mas conseguiu sorrir ao me ver. Entrei na água sorrateira e ágil como um réptil. As pontas dos meus cachos já molharam quando nadei até ele com a cabeça na superfície.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, mas vai acontecer. Essa não é a vida que eu quero, Duds. Você sabe. Nesses poucos dias você aprendeu muito mais sobre mim do que meus pais sempre souberam. Eu não quero ficar envolvido nesse mundo chato de negócios... E eu vou fazer o que for preciso.

— Tipo o quê? Fugir? Gui, as coisas não são simples assim...

— Eu sei que não. Calma, não quero dar nenhum grande passo agora, mas eu quero deixar meu pai ciente desde já. Ele vai ficar sabendo que não quero ficar preso a nenhuma dessas questões. Esse mundo é o mundo dele, não o meu.

— Então, você vai dizer pra ele que está fora.

— Basicamente. Goste ele ou não.

— E acha que ele vai levar numa boa?

— É, eu não sei o que vai acontecer depois disso, mas...

Meu pai nunca foi muito severo, na verdade, então não acho que algo ruim vá acontecer. Mas acho que estou pronto pra tudo.

Eu sorri, sem confiar muito naquilo.

— É, acho que sim.

Eu sentei ao lado dele.

— Bom, Gui, eu não sei o que vai rolar entre você e o seu pai, mas quero que saiba que eu apoio você em qualquer decisão. Mesmo que não esteja 100% confiante de que é uma boa ideia confrontar seu pai.

— É uma péssima ideia — admitiu ele, fazendo-nos rir um pouco. — Mas não posso esperar mais.

— E você se sente confortável tendo como sua única conselheira nessa decisão difícil uma garota que acabou de conhecer?

— Ei, não se menospreze. Se eu estou contando isso pra você e pedindo sua ajuda é porque confio em você. Eu nunca tive uma pessoa com quem pudesse contar de verdade.

— Você pode contar. Não estou a fim de deixar você sozinho tão cedo, não com esse conflito interno que você tá vivendo. É difícil escolher entre sua liberdade e seus pais, mas estou com esperança de que o Senhor Vilela facilite as coisas, como você disse.

— Espero que você esteja certa.

~

O domingo foi um dia bastante agonizante. Guilherme não deu sinal de vida o dia todo. Não mandou mensagem, não foi à área de convivência, nada. Eu fiquei preocupada com o que aquilo poderia significar. Fiquei andando de um lado para o outro, tentando imaginar bons motivos para o sumiço dele, mas nada me ocorreu. Eu só conseguia pensar que o senhor Alfredo Vilela não era tão benevolente como o filho supunha. Até meus pais começaram a perguntar o que eu tinha de errado.

Só mais tarde, quando eles saíram para jantar com alguns amigos, ele me ligou.

— Até que enfim! O que aconteceu?

— Já explico. Me encontra na área imediatamente!

Desliguei o telefone, amarrei meu casaco na cintura e descia. Ele chegou junto comigo. Estava usando uma roupa um tanto chique: calça preta, blusa social branca, um colete preto com um broche com pingente triangular e uma gravata. Eu o abracei forte.

— Eu fiquei preocupada — disse em seu ombro.

— Eu sei, mas não foi nada demais, ok? Eu estou bem.

Eu o soltei e segurei seu rosto.

— O que ele fez?

— Calma, você tá muito nervosa! Ele não fez nada comigo, é sério. Só tivemos uma conversa bem longa.

— Desde manhã até agora?

— Não exatamente. Duda, preciso que me escute. Meu pai não ficou com raiva de mim. Ele só não conseguiu entender. Argumentou que eu sou o primogênito, o grande herdeiro da família e que por isso tenho responsabilidades. Então, eu insisti, mas...

— Mas o quê?

— As coisas da minha família... são muito mais complexas do que eu imaginava.

— Como assim?

— Meu pai finalmente me contou tudo. Não é só uma questão de dinheiro e patrimônio... Tem tipo uma... máfia por trás. Uma máfia que envolve algumas das famílias mais ricas do país.

— Nossa, isso parece sério.

— Sim. Isso é algo que... Não dá pra voltar atrás. É por isso que eles fazem os herdeiros se casarem entre eles. Não querem envolver gente de fora. Duda... Por mais que eu confie em você, não posso te envolver nisso. É perigoso demais.

— Isso quer dizer que você vai embora.

Guilherme puxou meus cachos para trás da orelha.

— É temporário. Eu tenho que me estabilizar nessa máfia, e não tem jeito de pular essa etapa. Depois disso a gente volta a se falar, mas sinceramente não sei quanto tempo vai levar.

— Eu vou com você.

— Até parece. Eu proſbo você. Isso é muito, muito perigoso e você é muito importante pra mim. Eu quero você segura aqui, entendeu? Eu prometo que vou voltar.

Depois de dizer isso, ele se afastou e voltou correndo para o interior do hotel. Eu fiquei alguns segundos ali, mas meus pensamentos estavam a mil. Ele queria me proteger, mas eu não tinha nenhuma intenção de abandoná-lo.

Voltei para meu prédio e desamarrei o casaco da cintura. Entrei no elevador e o vesti, incluindo o capuz. Meus cabelos castanhos claros seriam reconhecidos por ele em qualquer lugar. Saí pela portaria e fui correndo dar a volta no quarteirão para chegar à recepção do hotel. Ele já estava indo em direção à rua onde tínhamos passeado, aquela cheia de bares. O segui sorrateiramente até vê-lo entrar no *La Noche*.

Esperei alguns segundos e fui lá também. Guilherme ignorou a recepção, o karaokê e tudo o que havia ali. Foi direto para os fundos do bar, onde havia uma porta com um segurança. Parecia uma área VIP. Depois de mostrar o pingente em seu colete, ele conseguiu entrar. Assim que o fez, eu corri até ele.

— Ops, aonde pensa que vai, mocinha? — perguntou o segurança.

— Eu tô com ele. Guilherme Vilela.

— Eu sei quem é Guilherme Vilela, mas você... não.

— Tudo bem, ela tá comigo.

Era a voz de um moço desconhecido. Jovem, usava um elegante terno xadrez salmão e um chapéu.

— Quer ver o senhor Guilherme Vilela? Tenho uma reunião com ele agora. Me acompanha? — disse o sujeito estendendo o braço.

Como sempre, eu hesitei um pouco, mas, ao contrário do que Guilherme pensava, eu sabia bem me defender. Só precisava entrar naquele lugar. Eu sorri e segurei o braço dele.

— Claro.

O segurança abriu a porta, não muito satisfeito.

— Seu casaco combina com o meu terno — disse o moço, enquanto entrávamos.

O que encontramos do outro lado foi bem surpreendente.

CAPÍTULO 3

ÁREA “*VERY WEIRD PEOPLE*”

O ambiente escuro era muito parecido com o que eu esperava em alguns aspectos, como as prateleiras lotadas de garrafas coloridas atrás de um balcão com um barman, mesas cheias de bebidas, cartas e fichas de *poker*, luminárias e quadros *vintage* na parede acima de sofás de couro onde os homens ricos fumavam seus charutos ao lado de belas damas. Na decoração, a coisa menos comum era uma piscina de tamanho médio com hidromassagem do lado esquerdo. A música era calma e lembrava os tempos de ouro; parecia vir de uma máquina de karaokê antiga, não como o projetor que usavam no salão anterior. O que tinha de estranho não era nada disso. Eram os... visitantes.

Havia homens e mulheres bem vestidos jogando *poker*, mas também havia caras bem maiores que homens normais, com bocas enormes e dentes afiados, como se não fosse estranho o suficiente serem cinzentos. Havia homens peludos com um único olho e dentes de elefante sentados no bar. Havia figuras enevoadas como espíritos e esqueletos apodrecidos dividindo as linhas do karaokê. Havia até mulheres com caudas de peixe naquela piscina — sereias, eu supus — cercando um rapaz negro e escamoso.

Como se já não fosse assustador demais encontrar aquelas criaturas, todos os que estavam no salão olharam para mim e para o rapaz que eu acompanhava. Isso incluía Guilherme, que tinha acabado de se sentar em uma das mesas vazias. A cara dele não foi nada boa: uma mistura de incredulidade e preocupação.

— Boa noite, amigos! — disse o rapaz, adentrando o local após notar que era centro das atenções.

Guilherme se levantou. Inquieto, segurou a borda da mesa e olhou nos meus olhos.

— Vem aqui — disse ele, baixo, mas não o suficiente para não ser ouvido pelo rapaz.

— Ah, que que há, Vilela? É mesmo tão possessivo que não quer deixar ninguém admirar a beleza que você nos trouxe?

— Temos uma reunião — disse ele, firmemente. — Não vim para brincar.

— Ainda faltam alguns minutos para as 7, então deixe-me aproveitar. Minha querida, que tal irmos ao karaokê?

— NÃO! — berrou Guilherme, socando a mesa e fazendo os copos recém postos vibrarem. — Ela *não* é sua, Boto.

— Muito menos sua. Seu pai pode até ser dono do lugar, Jovem Vilela, mas eu a encontrei da porta pra fora. Portanto, as regras da rua valem. A não ser que queria disputar a garota no braço.

Os presentes se agitaram com a possibilidade de uma briga, mas Guilherme só riu.

— No braço, com você? Todo mundo sabe que não é nada sem sua cantoria.

— Vamos ver.

O Boto nem esperou mais um segundo; avançou em Guilherme a fim de desferir um soco, mas ele já estava preparado para apará-lo e contra-atacar. Todos os que estavam no *lounge* voltaram sua atenção para a briga, incentivando-a com gritos.

Como alguém que entende de luta, posso dizer que ela estava muito feia. Nem Guilherme nem o Boto pareciam ter a mínima ideia do que estavam fazendo. Simplesmente se batiam de qualquer jeito, sem nenhuma técnica. No entanto, foi perceptível quando Guilherme entrou na desvantagem: o boto acabava de agarrá-lo pelas lapelas do colete e jogá-lo contra o balcão.

Revirei os olhos.

O Boto estava dando seu primeiro passo para surrar Guilherme quando eu cutuquei seu ombro. Ele olhou pra mim, sem entender. Abri um sorriso, cerrei os punhos e deu um soco forte com a mão direita. Boto já ficou atordoado, mas dei mais dois socos e um chute antes de derrubá-lo no chão. Ele caiu deitado e sorriu, embora seu nariz estivesse sangrando.

Eu só entendi o motivo quando ele abriu a boca e começou a cantar, mas já era tarde demais. Tudo se enevoou e eu perdi completamente os sentidos. Senti-me ser levada para algum lugar, mas já não comandava a mim mesma. Só acordei ouvindo uma voz distante e nunca ouvida gritar.

— BOTO!

Pisquei várias vezes e me encontrei deitada à beira da piscina, como se fosse entrar, mas impedida pelo rapaz, que agora estava na margem.

— Não pode fazer isso aqui — disse ele. Era a mesma voz. O distanciamento havia sido causado pelos efeitos do encantamento.

O rapaz saiu da água enquanto me ajudava a levantar.

— Achei que vocês dois tivessem uma reunião. Porque não agem como adultos de vez em quando?

O rapaz me ajudou a sentar em uma cadeira na mesma mesa que Guilherme estava. Depois, foi ajudá-lo a se levantar.

— Por que não vai tomar um ar, Boto?

Ele riu, se levantando sozinho, apesar de estar pior que Guilherme.

— Vou tomar um drink.

Guilherme sentou ao meu lado. O escamoso colocou a mão gosmenta sobre o ombro dele.

— Vou continuar de olho. Qualquer coisa, me chamem.

Ele voltou para a piscina, nos deixando a sós. Ficamos em silêncio por algum tempo, enquanto ele usava os guardanapos para limpar o sangue das novas feridas.

— Por que você não me ouviu? — perguntou em tom baixo, mais como um lamento que como uma recriminação. — Eu estava tentando te proteger.

— Não preciso de sua proteção.

Ele riu levemente.

— Talvez eu precise mais da sua. Agora você está marcada, Eduarda. Todo mundo aqui já sabe da sua existência, e isso deve se espalhar em pouco tempo.

— Então... Vai me deixar ir com você?

— Que outro jeito tenho para garantir sua segurança?

Eu segurei o riso.

— Você precisa de uma guarda-costas. Não sabe lutar.

— Mas vou aprender. Sou novo nisso, mas você vai ver, logo eu vou ser o novo manda-chuva.

— Então... — eu disse, raciocinando sobre o que ele dissera.

— Essa é a tal máfia.

— Uma parte dela.

— E não sabia disso, nem da existência das criaturas?

— Tudo o que eu sabia sobre o trabalho do meu pai era que ele é dono de um banco. Agora, ele também é dono de uma franquia de casas noturnas para criaturas e pessoas envolvidas com o *Jamé*. Esse foi inaugurado na quinta. Por isso a viagem.

— Ah... Quem é *Jamé*?

— *Jamé* não é uma pessoa; é o mundo mágico e oculto. É como chamamos tudo aquilo que é envolvido com a magia e as criaturas fantásticas.

— E como reconheceu o Boto?

— Eu já o conhecia como Sr. Bruno Rosé. Jantou algumas vezes na minha casa. Hoje meu pai abriu o *Jamé* pra mim e passamos o dia todo estudando-o. Eu o conhecia por causa do Woods Gods e por causa dos livros que ele me dava. Ele sempre me incentivou a conhecer, mas como se fosse fantasia.

Boto Cor-de-Rosa pigarreou ao se aproximar com seu copo cheio. O nariz já estava limpo.

— Espero não estar interrompendo o casal — disse ele, debochado, ao se sentar.

Guilherme assumiu postura, antes de se pronunciar.

— Vamos começar, finalmente?

— Claro — disse o outro, pegando o celular no bolso do paletó e mexendo nele. — Se quer entrar nesse mundo que não é nem um pouco fantasioso, Jovem Vilela, eu espero que esteja pronto para encarar isso.

Ele colocou o celular na mesa e o deslizou. A tela apresentava a imagem de uma valise aberta, com uma espada negra de lâmina curva e uma aura sombria. Eu fiquei só assistindo os dois falarem sobre ela.

— Essa é a Lâmina Curva, uma das armas mágicas mais poderosas que rodam pelo país atualmente. Seu trabalho é um serviço simples de transporte.

— O *Jamé* não conhece Correios?

— Boa piada, pirralho. Coloque isso em qualquer caminhão para ver o desastre acontecer. O país está cheio de saqueadores e pessoas interessadas em roubar coisas mágicas e valiosas como esta espada para revender. No entanto, a Lâmina Curva tem donos e novos compradores. Eles já acertaram tudo à distância, até o pagamento. Seu único trabalho será buscá-la com seus atuais donos e levá-la aos compradores.

— Quem são?

— Famílias da DOMINUS, assim como a sua. Os vendedores são os Aguiar.

— Tá de brincadeira comigo.

— Ah, para com isso, Guilherme. Essa rixinha ridícula não vai atrapalhar os negócios. E os compradores são os Ramos.

— Sério? O topo da cadeia alimentar?

— Mas que drama! Os Ramos são sim os mais poderosos, mas não são malvadinhos e nunca tiveram problema com os Vilela.

— Boto pegou o celular e o guardou, enquanto dizia. — Lidará direto com seus amigos herdeiros. Já sabe onde encontrá-los. Eles estão esperando. — Ele se levantou e pegou o *drink* intocado. — Boa sorte, Jovem Vilela. Espero que você e sua namoradinha não sejam devorados.

Sr. Bruno Rosé saiu de perto de nós bebendo seu *drink*. Assim que ele saiu, o escamoso se aproximou. Só então, reparei seu colar cujo pingente era idêntico ao de Guilherme: um triângulo de vidro contornado por uma armação de prata. O rapaz tomou o lugar do boto na mesa enquanto deixava um pequeno frasco com líquido verde em seu centro. Olhou para Guilherme.

— Beba isso. Vai ajudar com a cicatrização — olhou para mim com o cenho franzido. — Você se recuperou bem depois de um feitiço do Boto.

— Ela é magicamente forte — disse Guilherme, destampando o frasco antes de virá-lo. Sua declaração acabava de me surpreender. — Por que tá ajudando a gente?

— Porque o Boto é um grande babaca. E, você sabe, sua família tem uma história de amizade com os negros d'água.

— Achei que só houvesse um negro d'água — confidenciei.

— Eu também achava, até hoje cedo — disse Guilherme. — Estamos bem mal-informados.

— Bom, não vão chegar muito longe se não souberem aonde estão indo, não acham? Eu ofereço meus serviços.

— Tem um plano? — perguntei.

— Vão precisar estar preparados antes de pegar a Lâmina. Armas e mantimentos da melhor qualidade tecnológica e mágica. Afinal, os vendedores são banqueiros como os Vilela, o que os torna algo como inimigos naturais. Há um combate iminente.

— Como sabe sobre a Lâmina? — Guilherme tomou a frente da negociação.

— Eu disse que estava de olho — disse ele, dando de ombros. — Levarei vocês até onde possam se munir. De lá seguirão sós.

— Quanto?

— 5% do valor do frete. Geralmente eu cobraria 10% numa situação dessas. Ah, *todos* os meus gastos na viagem também são por sua conta.

— E qual o seu nome?

— Apecatu.

Acompanhe o lançamento de
“DOMINUS: A LÂMINA CURVA”
no instagram da autora:

@jessicasanz_jessie

